



O século 20 certamente será conhecido como aquele que produziu inúmeros genocídios. E o que é pior: todos com testemunhos dramáticos, provando que a aventura humana na Terra é marcada cada vez mais pela destruição da vida em todas as suas formas. Ao longo de milênios, os povos foram se diferenciando e criando identidades culturais peculiares e riquíssimas, mas constantemente atingidas pela barbárie. Ainda hoje nações inteiras correm o risco de desaparecer diante dos olhos de um mundo globalizado, interligado, informatizado e cada vez mais desumanizado.

Entre esses povos perseguidos, estão os curdos. Trata-se de um dos diversos grupos de origem indo-européia que se estabeleceram na confluência entre a Turquia, Irã, Iraque e Arménia, onde vivem há cerca de 3000 anos. Situadas em local estratégico, na ligação entre o Ocidente e o Oriente, suas terras sempre foram alvo de disputas. Um dos fatores que os particulariza em relação aos vizinhos é sua



organização social baseada na democracia tribal e fundamentada na propriedade coletiva de terras. Dentro de cada agrupamento, as mulheres elegem suas representantes perante uma assembléia de homens. Eles, por sua vez, escolhem a liderança da vila, submetida a um poder regional e assim sucessivamente.

Os curdos desfrutavam de relativa autonomia até 1639, quando o Império Otomano estabeleceu uma série de acordos com os khanatos do Império Persa interessados em cobrar tributos naquela região e dominar as rotas comerciais. Os khanatos eram uma forma de principado vinculado ao poder central dos persas, ou seja, ao Xá, título dado ao soberano. Desde então as relações internas dos curdos foram marcadas pela divisão, pois passaram a ser comandados pelas leis daqueles que dominavam seu território. Pressionadas, as lideranças curdas eram obrigadas a assinar acordos com governos

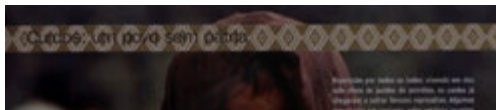


diferentes e se submeter a interesses muitas vezes conflitantes. Pode-se afirmar que o território e a nação foram totalmente mutilados a partir de então.

A questão curda voltou a fazer parte das pautas de negociações internacionais durante a Primeira Guerra Mundial. Nesse período, o Império Otomano (atual Turquia) se aliou à Alemanha temendo a ampliação da influência inglesa nas cercanias do seu território.

Lideranças curdas foram usadas pelo novo governo turco. Prometendo certa autonomia para as províncias curdas, governantes turcos insuflaram-nos a massacrar os cristãos armênios que, dominados pelo Império Otomano, haviam iniciado um movimento em busca de autonomia com o apoio de ingleses, franceses e posteriormente russos. Durante o conflito (1914-1918), alguns setores curdos se negaram a executar tal serviço. Assim parte do Exército Turco Otomano tomou para si a tarefa, massacrando 1,5 milhão de armênios em poucos meses.

Com a derrota turca e alemã, as vencedoras Grã-Bretanha e França repartiram o Império Otomano em



zonas coloniais. Por meio de acordos conhecidos como o de Sèvres e o de Sykes-Picot, parte dos curdos ficou no norte do Iraque, submetidos ao domínio britânico. Enquanto o outro grande contingente permaneceu na Turquia, selando definitivamente o destino dessa nação.

Acreditava-se na época que o desmembramento do Império Otomano geraria as condições para o nascimento de um Estado Curdo, mas a descoberta de jazidas de petróleo na região e o temor da influência socialista foram fundamentais para um rearranjo de forças que desencadeou feroz repressão na Turquia, onde o idioma curdo foi totalmente proibido. Na parte iraquiana, eram eventualmente ouvidos, mas raras vezes atendidos. O temor dos ingleses e franceses era o mesmo dos turcos: a influência russa colocaria em risco o domínio das jazidas de petróleo, fundamentais para a economia europeia naquele período.

Diversos levantes armados curdos ocorreram nos anos 20 e 30. Nenhum deles, porém, conseguiu resultados efetivos. Muitos rebeldes chegaram a ser reprimidos em ações conjuntas entre os serviços secretos turco, iraquiano, sírio e iraniano. Jovens curdos foram para a Europa estudar e buscar apoio para a independência. Em contato com intelectuais europeus, essas novas cabeças organizaram partidos políticos, muitos com inspiração socialista e apoio soviético.



No final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a minoria curda do norte do Ira foi armada e treinada pelos soviéticos. Os russos estavam interessados em conquistar um ponto avançado nas proximidades das ricas reservas de petróleo da região.

Organizados pelo Partido Democrático Curdo, militantes ganharam terreno e força no noroeste do Ira. Em fins de 1945, já haviam conquistado amplos territórios lutando contra o Exército Iraniano e tropas especiais inglesas. Em janeiro de 1946, a Resistência Curda declarou a República do Curdistão, com capital em Mahabad.

Dentro do contexto da Guerra Fria, os soviéticos não mantiveram o mesmo apoio inicial, pois estavam mais preocupados com a defesa da Europa Oriental. Assim a República de Mahabad, como ficou conhecida, caiu 11 meses depois. O acontecimento dividiu ainda mais os curdos, pois cada pedaço de seu território passava a ter uma luta particular. Os do Ira, derrotados, eram vistos como fracos. Em minoria, os da Síria não tinham força. Apesar da enorme miséria, os da Armênia viviam em relativa paz e tranquilidade. Restava então aos curdos da Turquia e do Iraque assumir a posição de vanguarda na luta pela libertação.

Durante a década de 1970, surgiram inúmeros grupos revolucionários de inspiração marxista entre os curdos. Um deles foi o PKK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão), que iniciou uma violenta revolta contra a opressão turca. O dedo soviético na organização era nítido, uma vez que os turcos eram aliados dos Estados Unidos. Durante as décadas de 1980 e 1990, o PKK lançou uma campanha sistemática com atos terroristas que resultou na morte de mais de 30 000 civis turcos. Os principais alvos eram os representantes oficiais do governo, exército, pessoas ligadas aos serviços de segurança, funcionários públicos e até professores, acusados pelo partido de promover a cultura turca.



No Iraque, a posição dos curdos era extremamente peculiar, pois existiam grupos colaboracionistas com o governo iraquiano. Vez por outra ocorriam choques entre facções pró e contra esse apoio. Em um dos confrontos, sucedeu-se uma verdadeira guerra civil. Foi quando o governo iraquiano armou os militantes do Partido Democrático do Curdistão contra seus compatriotas da União Patriótica do Curdistão, acusada de ser um braço dos aiatolás iranianos,

que queriam ampliar a influência xiita no Iraque de Sadam Hussein (até então a expressão do domínio sunita).

A questão curda reapareceu com certa importância durante a Guerra do Golfo, em 1991. Quando Sadam Hussein foi expulso do Kuwait derrotado pelos Estados Unidos, muitas lideranças curdas do Iraque acreditaram que seria o momento ideal para a criação de um Curdistão independente. Os curdos representam 15% da população iraquiana e ocupam a faixa centro-norte do país em direção à fronteira turca. A tão falada Guarda Republicana de Sadam enviou para região grupos de elite com a tarefa de reprimir os rebeldes. Aviões iraquianos lançaram armas químicas sobre a população curda, levando a ONU a decretar uma zona de exclusão aérea para os aviões de Sadam. A repressão violenta à rebelião gerou um êxodo em massa de curdos para o Irã e a fronteira com a Turquia, para onde fugiram mais de um milhão de pessoas.

A Turquia se mostrou incapaz de lidar com os refugiados e fechou suas fronteiras depois que mais de 400000 curdos se estabeleceram em vilas próximas às cidades de Hakkari e Mardin, no sudeste. Outros 500 000 foram violentamente repelidos pelo governo turco e permaneceram em campos precários sem nenhuma assistência ao longo da fronteira. Os turcos temiam que esse impressionante fluxo de refugiados pudesse se transformar em focos para o surgimento de um nacionalismo militante.

Pressionada pelos Estados Unidos, a Turquia aceitou a autonomia curda no norte do Iraque diante de uma eventual queda de Sadam Hussein. Mas exigiu das lideranças curdo-iraquianas que não houvesse nenhum tipo de apoio aos movimentos de libertação do lado turco. Ou seja, o recado estava dado: qualquer movimento produzido pelos curdos de ambos os lados seria pretexto para iniciar a repressão. Do lado iraquiano, o guarda-chuva da ONU e o ódio americano a Sadam permitiram que os curdos vivessem em relativa tranquilidade, formando inclusive um parlamento local.

A Turquia iniciou o projeto de extinguir o poder do Partido dos Trabalhadores do Curdistão, o PKK, e executar seu líder, Abdullah Ocalan. O PKK, por sua vez, se transformava em uma frente que foi além do campo político-militar, passando a se preocupar também com a defesa dos costumes e tradições de seu povo. O partido contava com uma resistência armada de cerca de 20000 guerrilheiros, 200000 milicianos e quase 5 milhões de simpatizantes. E começou um trabalho para melhorar suas ligações com as organizações populares urbanas, cada vez maiores após o êxodo das zonas rurais atingidas pelo conflito, os exilados na Europa e a oposição progressista turca que, teoricamente, aceitaria um Curdistão independente.

Mais uma vez, como fez com os armênios em 1915, a Turquia buscava a solução do problema pela via da aniquilação do povo curdo. Desde 1989, utilizou, pelo menos em 29 ocasiões, armas químicas contra os redutos curdos nas montanhas, na tentativa de exterminar a guerrilha do PKK. Nos últimos anos, a guerra produziu uma média de 2 500 vítimas anuais, entre soldados, guerrilheiros e civis. Em 1995, cerca de 35000 soldados turcos voltaram a fustigar as áreas controladas pelo PKK no Iraque. Por ser país membro da OTAN e aliado dos Estados Unidos, a Turquia nunca sofreu sanção internacional.

As outras forças políticas curdas que aluavam na legalidade estão quase desaparecidas na Turquia. O Partido Trabalhista do Povo (HEP) foi proibido em 1993 e o Partido da Democracia, sucessor do HEP, também acabou proscrito. Muitos de seus dirigentes estão presos ou exilados. Fala-se que a tortura de prisioneiros curdos é amplamente utilizada, tendo sido denunciada por várias organizações internacionais de direitos humanos. Apesar do elevado número de mortos, a guerra aparece muito pouco nos meios de comunicação internacionais. Quando veiculada, quase sempre prevalece a versão turca. O silêncio cúmplice do mundo ocidental é um dos principais incentivos para o



governo continuar massacrando a população curda.



Um dos exemplos dessa atuação foi a prisão do líder Ocalan em 1999. Guerrilheiro marxista, ele comandava do exílio os separatistas, numa guerra que já matou 30000 pessoas. O governo turco decretou inicialmente a prisão perpétua de Ocalan, mas terminou pressionado pela União Europeia, que exige que seus aspirantes acabem com a pena de morte. Atualmente inúmeras ações judiciais correm em fóruns internacionais tentando garantir a Ocalan um

juízo justo.

Sem a liderança carismática de Ocalan, o PKK entrou em crise. Para evitar que esse símbolo desaparecesse com a divisão interna, em abril de 2002 o PKK mudou seu nome para KADEK (Congresso para a Liberdade e a Democracia do Curdistão). Apesar do novo rótulo, ainda integra a lista de organizações terroristas tanto da União Europeia quanto dos Estados Unidos. Passando por uma crise de identidade, o partido não suportou a pressão da velha militância, que quer a volta do PKK, e a modernização na luta pela formação de um Curdistão livre. Acabou decretando sua extinção em 11 de novembro de 2003.

Como na Turquia a situação continua a mesma, com proibições sistemáticas de demonstrações culturais, lideranças curdas têm encontrado na nova configuração política do Iraque a oportunidade de integrar um Estado federado e assim garantir um mínimo de autonomia que possa representar a perpetuação de seu idioma e raízes. Resta saber se a Turquia, aliada fiel dos Estados Unidos, não se incomodará com uma região autônoma curda, temendo que o local vire um foco de luta pela liberdade a poucos metros de sua fronteira.

